

Dia-a-dia



Mais vaga de pré-vestibular na Serra. Ano que vem, serão 2 mil vagas do Universidade para Todos no município. Ontem houve seleção para o cursinho gratuito. Confira o gabarito. **■PÁG.5**

Ajuda. No programa de atendimento à vítimas de abuso Sentinela, procura aumentou 20%

Crescem denúncias contra abuso sexual de crianças

Em janeiro e fevereiro, a polícia atendeu 40% mais casos que no mesmo período de 2008

ELAINE VIEIRA
evieira@redgazeta.com.br

■ Enquanto a mãe ia trabalhar, J., 3 anos, ficava em casa com o pai depois de voltar da creche. Mas ela não gostava da companhia nem do contato físico que o pai a obrigava a manter com ele. Ela ainda não tinha uma noção exata do que estava acontecendo, mas a sensação ruim ficou lá, incomodando, até ela começar a entender.

J. não se sentia confortável com isso, mas não conseguia contar para a mãe. "Eu tentava, mas ela nunca ouvia e dizia que meu pai estava sempre certo. Além disso, ele ameaçava machucar ela. Se ele fazia aquilo comigo, como não acreditar que ele ia mesmo matar a minha mãe?!", argumenta, com a razão de quem sente medo até hoje, aos 12 anos.

Foi lendo uma reportagem no jornal, que ela, com apenas 9 anos, descobriu que tinha a quem pedir ajuda. "Papai não

deixava eu ir a lugar nenhum sozinha. Dizia que era perigoso, mas queria mesmo me vigiar, me impedir de contar. Um dia eu não fui para a escola. Quando ele foi trabalhar, liguei para o telefone que tinham dado no jornal", conta.

Foi um alívio saber que não estava sozinha. Em 2008, só no Espírito Santo, outras 2.966 crianças e adolescentes, em 34 municípios, conseguiram buscar atendimento no Programa de Enfrentamento ao Abuso e Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (Sentinela).

DENÚNCIAS

O número aumentou 20% em relação a 2007 e, pelo menos nesse caso, a notícia é boa. "Não significa que haja mais crianças sendo violentadas, e sim mais pessoas conseguindo ajuda para fugir da violência", aponta a subsecretária estadual de Assistência e Desenvolvimento Social, Mírian Dantas.

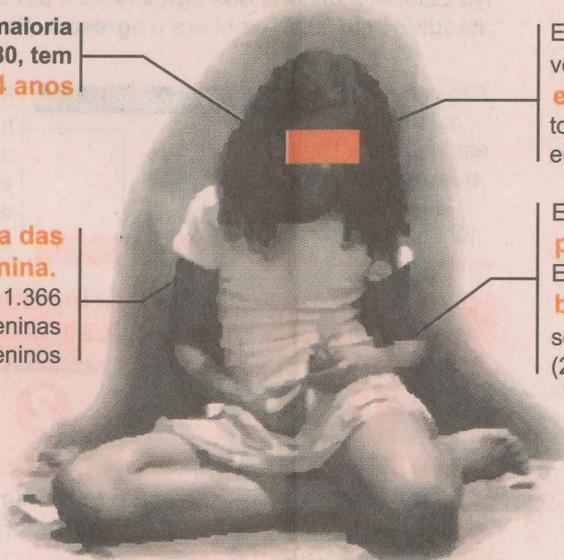
Na Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA) da Grande Vitória, o número de processos criminais também aumentou. Em relação ao mesmo período do ano passado, são 40% mais casos atendidos nos dois primeiros meses do ano.

E o pai de J.? Depois da de-

Quem é a vítima

No Estado, a maioria das vítimas, 1.180, tem entre 7 e 14 anos

A maioria das vítimas é menina. No total, 1.366 vítimas são meninas e 396 são meninos



Em segundo lugar, vêm as **crianças entre 0 e seis anos**, totalizando 377 vítimas em 2008

Em geral, as vítimas são **pardas** (mil casos). Em seguida vêm as **brancas** (706 casos) e só depois as **negras** (282)



A renda também é um fator determinante, pelo menos para as vítimas atendidas pelos programas públicos. Enquanto 888 vítimas são de famílias que recebem de 0 a 1 salário mínimo, o número cai para 628 vítimas quando a família recebe entre 1 e 3 salários. E cai ainda mais (183 casos) em famílias que recebem mais do que três salários



Normalmente com baixa auto-estima, a criança ou adolescente recebe pouco carinho dos pais

A violência normalmente começa



A criança agredida não é ouvida pela família, que sempre duvida de suas queixas



O medo também é uma arma muito utilizada pelos agressores. Com ameaças contra a si mesma ou a família, a vítima fica imobilizada, incapaz de reagir e acabar sendo responsabilizada por uma tragédia

Quando começam as agressões, a tendência

Denuncie

Disque-denúncias Nacional:

DISQUE 100

Ministério Público Estadual:

0800-2839840

Disque-Denúncia Estadual:

181

Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA):

3132-1916 E 3132-1917

Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis):

3335-7184 E 3335-7261

Conselho Tutelar de Vitória:

3132-7058 E 3132-7059

Conselhos Tutelares da Serra:

LARANJEIRAS: 3328-7128

JARDIM LIMOEIRO: 3328-1899

JACARAÍPE: 3252-7022

SERRA SEDE: 3291-4854

Conselhos Tutelares de Vila Velha:

CENTRO 3388-4271 E 3388-4316

TERRA VERMELHA 3244-4815

Conselho Tutelar de Cariacica:

CASTELO BRANCO: 3388-1377

VILA PALESTINA: 3346-6314

SÃO JOÃO BATISTA: 3346-6315

Conselho Tutelar de Viana:

3255-1668

Eu tentava

“Eu tentava contar para minha mãe, mas ela nunca ouvia e dizia que meu pai estava sempre certo”.

J.
12 ANOS, VÍTIMA DE ABUSO SEXUAL DESDE OS 3

ros meses do ano.

E o pai de J.? Depois da denúncia, casou de novo e teve outros filhos. Aquele olhar triste e perdido que J. manteve dos 3 aos 9 anos, hoje ela enxerga nos irmãos. A nova mulher prefere acreditar que isso não aconteça. Afinal, ele é um bom marido, trabalha muito, tem amizade com todo mundo, está sempre de olho no que os filhos estão fazendo. “É um bom pai”, garante, para si mesma.



A violência normalmente começa na primeira infância, por volta dos 3, 4 anos, quando a criança não tem noção do que acontece e acaba se deixando levar pela agressão, mesmo não gostando

Nesses casos, a violência sexual pode ser vista como a única forma de aproximação do pai, gerando um sentimento contraditório, em que a criança prefere ser violentada a ser esquecida



Quando começam as agressões, a tendência é que a criança se torne cada vez mais apática



Ele vai começar a dar muita atenção à região genital. Seus desenhos podem refletir isso, o que significa um incômodo

Também é comum que a criança fique agressiva com outros membros da família ou na escola

Viana: 3255-1668

Conselhos avançam na qualidade do atendimento

Estrutura garante auxílio psicológico e social para vítimas; só na Serra, são 400 casos por mês

■ ■ Tanta campanha para fazer denúncia não adianta nada se não houver uma boa rede para prestar atendimento à vítimas de abuso sexual. A situação dos conselhos tutelares – principal porta de entrada das denúncias – tem melhorado no último ano.

“Há seis meses, não havia nenhum conselho tutelar aberto em Cariacica, hoje temos quatro regionais, com cinco conselheiros cada, e dois carros, que se revezam dia sim dia não entre as regionais”, comemora a conselheira Isabel Maria de Paula Perini.

Se não é o ideal, a estrutura pelo menos garante o atendimento a cerca de 300 crianças e adolescentes por mês, vítimas de diversos crimes, entre maus-tratos, negligência e abuso sexual. “A violência sexual não é maioria, mas vem crescendo”, aponta Isabel.

MELHORA

Na Serra a melhora também é visível. “Hoje cada regional tem seu carro, atendemos cerca de 400 casos por mês e já encaminhamos com mais qualidade as vítimas para atendimento psicológico e social”, aponta a conselheira Sara Bitti.

O investimento é total. “Este ano vamos colocar computadores em todos os conselhos, para que eles possam se integrar”, destaca a subsecretária de Assistência Social, Mírian Dantas.

Estatísticas não revelam perfil real das vítimas

Dados dão a ilusão de que crime acontece apenas nas classes mais pobres

■ ■ Meninas, pobres, de cor parda, moradoras da periferia. As estatísticas dos centros de atendimento às vítimas de violência sexual nos dão uma falsa noção da realidade do abuso no país.

“A violência sexual é muito velada. De forma geral, os conselhos tutelares só conseguem chegar às famílias de baixa renda, que, devido a sua vulnerabilidade social, acabam tendo seus problemas mais expostos. Mas isso não significa que não aconteça nas outras classes so-

ciais”, destaca a subsecretária estadual de Assistência Social, Mírian Dantas.

ATENDIMENTO

Para a psicóloga coordenadora do Núcleo de Atenção à Criança e ao Adolescente (Naca) do Rio Grande do Sul, Gisele Scobernatti a diferença está mesmo no alcance do atendimento prestado às vítimas.

“Nas casas ricas, o abuso sexual se resolve em escritórios de advocacia, com separações e grandes acordos financeiros, e também em consultórios psicológicos. Por isso eles não entram nas estatísticas”, aponta ela, que trata vítimas há mais de 15 anos e há sete também atende abusadores.

Proteja seu filho

- Informe-se sobre o abuso sexual
- Estabeleça uma rotina com ele, e peça para que lhe conte como foi o dia
- Ouçá-o e acredite no que diz
- Não duvide de sua afirmação na frente dele, pois isso pode abalar a confiança.
- Procure outros meios para confirmar as queixas
- Saiba com quem seu filho está nas horas de lazer
- Conheça os colegas e os pais deles
- Converse com a direção da escola/creche sobre as formas como costuma enfrentar o problema

Prevenção desde cedo

- Entre 18 meses e três anos, ensine seu filho o nome das partes do corpo e deixe claro que há partes que não devem ser mostradas.
- Entre 3 e 5 anos ensine-o a dizer “não” quando algo o incomodar. Fale sobre a diferença entre o “bom” toque e o “mau” toque
- Após os 5 anos oriente a criança sobre sua segurança pessoal. Da mesma forma que tem que olhar para os dois lados antes de atravessar a rua, ele deve saber reconhecer situações de risco sexual, como carícias em locais proibidos ou nudez
- Após os 8 anos já dá para iniciar uma discussão sobre conceitos e regras de conduta sexual aceitas pela família. Nessa época também é possível explicar alguns detalhes da reprodução humana

A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

Fonte: Academia Americana de Pediatria, no site www.aap.org/family/csabuse.htm (texto adaptado)

Famílias perpetuam violência com o silêncio

A omissão, comum nos casos de abuso sexual, pode partir de irmãos e, principalmente, de mães das vítimas

■ ■ O abuso sexual não é um problema só da vítima e do agressor. “O contexto da família, de certa forma, conspira para que exista o abuso”, aponta a psicóloga Gisele Scobernatti.

Para ela, o que existe é uma dinâmica abusiva. “A omissão é muito comum nesses casos, inclusive entre irmãos, mas principalmente pela mãe, que mesmo inconscientemente, se recusa a ver o que está acontecendo”, relata a psicóloga.

Gisele destaca que, mesmo sem querer, cada pessoa faz a sua parte para manter o segredo dentro de casa. “Fa-

mílias abusivas geram crianças vulneráveis ao abuso, pois não há espaço para reclamações”, aponta Gisele Scobernatti.

CULTURA

Além do costume de não dar ouvidos às reclamações da criança, e algumas vezes nem dar a ela a opção de reclamar, a psicóloga destaca que a cultura também influencia o silêncio das vítimas.

“Somos criados para achar que pais e mães são perfeitos, mas existem más referências, que precisam ser identificadas”, destaca a psicóloga.

Para a subsecretária estadual de Assistência Social, Mírian Dantas, a própria estrutura física da casa às vezes propicia o abuso, com quartos únicos ou muito próximos e banheiros que são usados por todos.

Demanda

300 vítimas

■ ■ É o número de crianças e adolescentes atendidas por mês nos conselhos tutelares de Cariacica. São vítimas de maus-tratos, negligência e abuso sexual.